



MEMÓRIAS EM DISPUTA: A DITADURA MILITAR EM ESPAÇOS DIGITAIS¹

Elís Saraiva Santana

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: profelissantana@gmail.com

Lívia Diana Rocha Magalhães

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB – (Brasil)

Endereço eletrônico: lrochamagalhaes@gmail.com

1845

INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentamos resultados parciais da pesquisa que estamos empreendendo sobre as disputas de memória acerca da concepção política de ditadura militar a partir de discursos legitimadores da ditadura presente em publicações *online* de determinados grupos ligados à chamada “nova direita” (ROCHA, CAMILA², 2019). Nos atemos, neste texto, em situar as primeiras discussões que estamos realizando acerca do artigo *Ditadura Militar no Brasil ou Regime Militar? Entenda definitivamente como foi o Golpe de 64* (BRASIL PARALELO, 2021), da empresa Brasil Paralelo, considerando que, entre outros grupos e sujeitos da chamada nova direita, este vem crescendo na internet nos últimos anos e se destacando pela sua extensa produção e por sua pretensão de oferecer ao público uma experiência de “entretenimento e educação” (BRASIL PARALELO, s.d.).

A atuação de uma “nova direita” na internet, de acordo com Rocha (2019), tem sua origem no Brasil a partir dos anos 2000, quando grupos de oposição ao governo passaram a se articular na internet tendo como característica fundamental uma espécie de amálgama entre o ultraliberalismo econômico e a defesa de pautas conservadoras no campo social. Na última década, assistimos ao crescimento desses grupos, como, por exemplo, o surgimento do Movimento Brasil Livre (MBL), em 2014, e da própria Brasil Paralelo, em 2016 (CASIMIRO, 2020; TELLES, 2016).

O tratamento dispensado ao tema da ditadura militar por grupos da “nova direita” e a repercussão desses materiais na internet também se colocam como um

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes)

² Considerando nosso posicionamento enquanto feministas, optamos por referenciar com o nome completo sempre que citarmos outras pesquisadoras pela primeira vez ao longo do texto de modo a destacar a contribuição de mulheres nas pesquisas acadêmicas.



problema, como demonstra Pereira (2015) ao discutir a atuação desses grupos na disseminação de um revisionismo ou negacionismo sobre a ditadura na internet, inclusive concomitante aos importantes trabalhos da Comissão da Verdade, entre 2012 e 2014. Luzimary Rocha (2016), por sua vez, ao analisar as narrativas presentes em publicações nos *sites* dos grupos *Tortura Nunca Mais* e *Terrorismo Nunca Mais*, observa como as disputas pela memória da ditadura se inserem também na internet.

Inicialmente, podemos dizer que a análise desse material está ocorrendo dentro de um contexto de aumento do consumo de história por parte do público em geral. Uma “[...] história *para* o público [...]” (SANTHIAGO, 2016, p. 28, grifo original), como parte de uma dimensão da história pública voltada à produção de ‘versões’ sobre a história com a intenção de estabelecer um “revisionismo ideológico” (NAPOLITANO, 2015) sobre a ditadura militar a partir de preceitos ideológicos, morais e valorativos que buscam sustentação ou legitimação baseando-se na contraposição à produção historiográfica e à educação escolar (SANTANA, 2021).

Assim, situamos nossa pesquisa dentro dos estudos sobre a história da memória da ditadura militar difundida e veiculada por meio da internet e recorremos ao campo de estudos da memória social para o

[...] entendimento das estruturas econômicas, mentais, culturais e ideológicas que, inevitavelmente, entrelaçam realidade presente e passada, dentro das razões históricas em que foram produzidas e para as quais estão sendo mantidas (MAGALHÃES, 2016, p. 169).

Desse modo, com base em Elizabeth Jelin (2001), entendemos que os sentidos dados ao passado não podem ser dissociados do sentido para o qual são forjados, no confronto entre diferentes interpretações a partir de expectativas para o presente e para o futuro.

METODOLOGIA

Neste texto, elegemos como *corpus* para análise um dos artigos publicados em 2021 pelo site da empresa Brasil Paralelo, intitulado *Ditadura Militar no Brasil ou Regime Militar? Entenda definitivamente como foi o Golpe de 64* (BRASIL PARALELO, 2021). Trata-se de uma empresa que, segundo informação em seu site, visa “Resgatar bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros”



(BRASIL PARALELO, s.d.). Adotamos como perspectiva de análise as contribuições campos de estudos da memória e da história pública.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A narrativa construída no artigo em análise parte da suposição de que havia um perigo de uma infiltração comunista no país e que havia apoio massivo da população brasileira contra as políticas do governo de João Goulart. Em sua acepção, o povo brasileiro “não queria” as políticas à esquerda de Goulart: “Jango sustentava teses de esquerda, mesmo que o Brasil não as quisesse” (BRASIL PARALELO, 2021, *online*).

Muito embora seja sempre afirmado no texto em questão uma postura de neutralidade, encontramos a seguinte justificativa:

Entenda como foram os vinte anos de regime militar sem qualquer apologia aos erros cometidos, mas também **sem ocultar a necessidade de uma intervenção que pudesse deter o comunismo.** (BRASIL PARALELO, 2021, *online*, grifo nosso)

No texto, a necessidade do golpe de 1964 como um contragolpe aos movimentos de esquerda é acionada de modo evidente, como, por exemplo, no trecho a seguir:

De acordo com o professor Olavo de Carvalho, em 1963 já existia guerrilhas no Brasil. Logo, **o golpe de 1964 que iniciaria a Ditadura Militar no Brasil foi uma resposta a elas** (BRASIL PARALELO, 2021, *online*, grifo original).

Desse modo, o(a) usuário(a) da internet que acessa esses materiais é levado a toma-los como uma espécie de material de estudo alternativo, produzido fora dos espaços acadêmicos e educacionais, mas que contém uma suposta ‘verdade’, inédita, sobre a ditadura militar, inalcançável a partir da historiografia e da história ensinada na educação escolar, consideradas, segundo a interpretação apresentada pelo artigo, um domínio da historiografia de cunho marxista:

A revolução deixou o campo das armas e foi para o campo das ideias, **para as universidades e escolas, enfim, para os livros.** Os guerrilheiros, marxistas e gramscistas converteram-se em mártires da democracia e da liberdade e fizeram propaganda para si mesmos mentindo sobre a história (BRASIL PARALELO, 2021, *online*, grifo nosso).

1847



Podemos inferir que a narrativa proposta no artigo analisado se insere na construção de um projeto de sociedade, pautado entre grupos e sujeitos da “nova direita” que encontram, em alguma medida, referências para este projeto na ditadura militar. Assim, o esforço para justificar o golpe de 1964 como uma resposta à ameaça comunista acaba atuando como elemento central para a reconstituição dos sentidos do passado por meio do uso da memória construída a partir de uma visão conservadora de sociedade que preza sua continuidade a qualquer custo.

1848

CONCLUSÃO PRELIMINAR

A título de uma conclusão preliminar, destacamos o uso da internet por grupos ligados à nova direita no país com o intuito de explorar a crescente demanda de produções sobre história com o objetivo de produzir e disseminar determinadas narrativas sobre a ditadura militar. Estes materiais apoiam-se na contraposição à produção historiográfica acadêmica como elemento basilar para sua autolegitimação. E, ao difundir uma releitura que busca justificar o golpe de 1964 e a ditadura militar, evidencia os usos políticos-ideológicos da história e da memória para um projeto de sociedade que, de algum modo, se identifica com esse passado recente.

A internet vai assim se estabelecendo como um campo para o desenvolvimento e disseminação de visões de mundo de grupos da nova direita no país e o tema da ditadura militar tem sido explorado, dentro desse nicho, na veiculação de uma história que visa atingir, atender a um público que se ancora em memórias familiares, sociais e políticas de base conservadora (SARAIVA, 2021), ideologicamente alinhadas a esta narrativa sobre o golpe e a ditadura militar.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura militar. Memória. História. Internet.

REFERÊNCIAS

BRASIL PARALELO. **Ditadura Militar no Brasil ou Regime Militar?** Entenda definitivamente como foi o Golpe de 64. 26 jul. 2021. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/ditadura-militar-no-brasil>. Acesso em: 15 abr. 2022.

BRASIL PARALELO. **Sobre.** s.d. b. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre> Acesso em: 19 nov. de 2021.



CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A tragédia e a farsa: a ascensão das direitas no Brasil contemporâneo**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Espanha, Siglo Vienteuno, 2001.

MAGALHÃES, Lívia Diana Rocha. História, memória e a educação: relações consensuais e contraditórias. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 16, n. 67, 2016. p. 165–174. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8646116>. Acesso em: 09 fev. 2021.

NAPOLITANO, M. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. **Antíteses**, v. 8, n. 15 esp, p. 9-44, nov. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3oKDaiO>. Acesso em: 25 jul. 2021.

PEREIRA, Mateus H. de F. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). **Varia Historia**, Belo Horizonte, v.31, n.57, p.863-902, set./dez. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752015000300863&script=sci_arttext Acesso em: set. de 2020.

ROCHA, Camila. **‘Menos Marx, mais Mises’**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2019. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ROCHA, Luzimary dos Santos. **Ditadura, memória e justiça**: “revolução” e golpe de 1964 transitam no ciberespaço. Orientadora: Célia Costa Cardoso. 2016. 147 f. Dissertação (Pós-Graduação em História) - Universidade Federal de Sergipe, 2016.

SANTANA, Elís Saraiva. **Memória, história pública e legitimação da ditadura militar em vídeos e comentários no Youtube**. Orientadora: Lívia Diana Rocha Magalhães. 2021. 120f. Dissertação (Mestrado em Memória: linguagem e sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2021.

SANTHIAGO, R. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. *In*: MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R. de; SANTHIAGO, R. (org.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-26.

TELLES, Helcimara. (2016), A Direita vai às ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protestos antigoverno. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, n. 19, 2016. p. 97-125. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/29895> Acesso em: 05 fev. de 2021.